

HIPERATIVIDADE NA ESCOLA COM ENFOQUE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Julia Cristhiane da Silva Pinheiro¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

O TDAH é um transtorno mental cuja ocorrência cresceu muito nos últimos anos. Sintomas como desatenção, impulsividade e inquietação são frequentes nos dias de hoje em crianças na faixa etária de 7 a 14 anos frequentando o ensino fundamental. Crianças com essa síndrome devem ter acompanhamento psicológico e tomar medicação que os ajudem a se manter concentrados e quietos na hora da aula. O desafio é maior para o professor de educação física, pois a aula requer atividades que muitas vezes agitam os alunos, dificultando a atenção e a concentração quando necessário. O resultado é que vemos muitos alunos isolados, sem participar das aulas. A pesquisa surge com o intuito de pesquisar o nível de conhecimento sobre o TDAH em profissionais de Educação Física. Foi realizada uma pesquisa com professores de Educação Física das escolas estaduais do município de São José do Cerrito, com cujo resultado observamos que a maioria dos professores sabe o que é a síndrome TDAH e reconhece a necessidade de tratamento adequado, sob pena de tornar-se um transtorno mais sério.

Palavras chaves: TDAH. Educação Física. Síndrome. Escola.

ABSTRACT

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física 8ª Fase Do Centro Universitário FACVEST

² Prof. da disciplina de TCC do Curso de Educação Física do Centro Universitário FACVEST

ADHD is a mental disorder whose occurrence has grown in recent years. Symptoms like neglect, impulsivity and restlessness are common in these days in children aged 7 to 14 years attending primary school. Children with this syndrome should have counseling and take medication to help them stay focused and quiet during class time. The greatest challenge for the physical education teacher, for classroom activities requires that students often shake, making difficult to focus and concentration when necessary. The result is that we see many students isolated, without participating in class.

The research appears in order to analyze whether how the physical education teachers know about ADHD. We conducted a survey of physical education teachers from state schools in São José do Cerrito. In the survey we found that most teachers know what is the ADHD syndrome, the need for appropriate treatment under penalty of becoming a more serious disorder.

Words-Key: TDHA. Physical Education. Syndrome. School.

1 INTRODUÇÃO

“A hiperatividade é uma das principais queixas dos pais de crianças encaminhadas para consultas em razão de problemas escolares.” (SCAHIN, 1978, p.40)

As principais citações sobre hiperatividade infantil remontam do início do século passado, com a descrição de comportamentos instáveis por parte das crianças, onde as principais características descritas eram: dificuldade de atenção, impulsividade, hiperatividade motora e habilidade emocional. (BRAGA,1998,p 19) Há concordância geral quanto ao fato de que a principal característica clínica da criança hiperativa é a distratibilidade, ou tempo curto de atenção. (SCHAIN, 1978, p, 47)

A tarefa de atenção é complexa, envolve grandes números de aptidões e habilidades como: capacidade de focar a atenção, mantê-la, ignorar outros estímulos, dividir a atenção quando necessário (ouvir e anotar). O déficit de atenção pode ser avaliado a partir das seguintes manifestações: falta da persistência em atividades que queiram envolvimento cognitivo, mudança de uma atividade para outra sem completar nenhuma, abandono de atividades inacabadas, cometimentos de erros por falta de atenção, dificuldade de se concentrar nas tarefas escolares ou em jogos e brincadeiras, dificuldades de se organizar para fazer algo ou planejar com antecedência, relutância ou antipatia em relação a tarefas que exijam esforço mental, fácil distração , manuseio de outros objetos com descuido (BRAGA, 1998, p,21).

Crianças com essa síndrome devem ter acompanhamento psicológico e tomar medicação que os ajudem a se manter concentrados e quietos na hora da aula. O desafio é maior para o professor de educação física, pois a aula requer atividades que muitas vezes

agitam os alunos, dificultando a atenção e a concentração quando necessário. O resultado é que vemos muitos alunos isolados, sem participar das aulas.

A pesquisa surge com o intuito de pesquisar o nível de conhecimento sobre a TDAH em profissionais de Educação Física. Foi realizada uma pesquisa com professores de Educação Física das escolas estaduais do município de São José do Cerrito, com cujo resultado observamos que a maioria dos professores sabe o que é a síndrome TDAH e reconhece a necessidade de tratamento adequado, sob pena de tornar-se um transtorno mais sério.

Conforme o número de professores entrevistados, a maioria (n=3) compreendem o que significa a sigla TDAH e sabem o que se deve fazer para que suas aulas sejam inclusivas. Eles também acreditam que não tratando da síndrome, ela pode aumentar deixando as crianças com uma série de problemas mais graves em relação a sua hiperatividade e a sua capacidade de desenvolver a atenção e as habilidades que crianças com TDAH possuem.

2 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E A ESCOLA

Associando a hiperatividade com o déficit de atenção, temos o que se chama Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade- TDAH. A hiperatividade diminui com a idade, mas pode ser substituída por problemas de comportamento de a criança desenvolver dificuldades significativas de ajustamento com resultado das perturbações associadas com a conduta hiperativa (SCHAIN, 1978, p.49).

“Embora os sintomas do TDAH estejam presentes desde muito cedo, é por volta dos sete anos que costumam-se tornar mais evidentes (quando entram na escola).” (MATTOS, 2003, p.28)

Estudos longitudinais epidemiológicos tem demonstrado que crianças com comportamento hiperativo, quando não adequadamente tratada, ficam mais propensos a desenvolver distúrbios sociais, emocionais e comportamentais, tais como diminuição da auto estima, depressão, ansiedade, distúrbios neuróticos em geral, distúrbios obsessivo-compulsivo, baixa tolerância ao stress, toxicomania, alcoolismo. As estatísticas apontam a hiperatividade infantil como um importante fator implicado no aumento da delinquência juvenil. Atualmente avalia-se a participação da hiperatividade infantil não tratada como fator de risco para o desenvolvimento de distúrbio psicopatológico em adultos, principalmente a esquizofrenia (MATTOS, 2003).

De acordo com Braga (1998, p, 67): “[...] não se trata a hiperatividade, mas a criança

hiperativa.”

“Há quase um consenso em se admitir que a melhor forma de tratar esta síndrome, devido a heterogeneidade de suas manifestações, é utilizar recursos combinados, envolvendo diversas abordagens: medicamentosa, psicoterapia e pedagógica.” (BRAGA,1998, p.65)

Por isso é importante que pais, professores e pedagogos, além de psicólogos e médicos, sejam capazes de identificar os sintomas da TDAH.

Como esses sintomas costumam “aparecer” mais nitidamente na escola, é importante que o professor conheça o transtorno e saiba diferencia-lo da “ má educação” ou da simples preguiça. Ele dever tentar equilibrar as necessidades dos demais alunos com a dedicação que um aluno com TDAH requer.

Como atualmente se trabalha em turmas cada vez mais numerosas, a tarefa pode se tornar difícil. Muitas vezes o professor se vê diante de situações quase impossíveis de contornar em que alunos com TDAH tem pais que simplesmente ignoram o fato, ou se recusam a admiti-lo. Outros, não admitem o uso de medicamentos que ajudariam a criança a melhorar sua capacidade de atenção e seu desempenho. Sobre isso Paulo Mattos (2003), escreve em “ No Mundo da Lua”:

Não vejo sentido, por outro lado de se pedir a um professor que faça a tarefa hercúlea de ensinar a uma criança que não está sob tratamento(...) na minha humilde opinião, nenhuma escola é obrigada a receber alunos cujos pais se recusem a fazer o tratamento indicado pelas principais sociedades médicas do mundo, mas há quem pense diferente (MATTOS, 2003, p.95).

Há que se considerar que muitos pais não conhecem a TDAH, e julgam que o comportamento hiperativo da criança deve-se a uma fase passageira, ou o considera de “gênio ruim”. Embora tenhamos citado a opinião de Paulo Mattos, sabemos que a realidade das escolas é diferente e que o professor precisa trabalhar com todos os alunos, hiperativos ou não, estando ou não sob tratamento. Esse professor precisa ter bastante criatividade para apresentar alternativas que levem o aluno com TDAH a participar das aulas, avaliando qual funcionou melhor, e mudando as estratégias de ensino com a finalidade de adequa-las as necessidades/ interesses das crianças.

O professor deverá entender bem o fato de que a criança prestar atenção e se dedicar apenas aquilo que interessa ou motiva. Essa é uma das características do transtorno que mais se confunde com uma série de outras coisas geralmente malvistas pelos professores (MATTOS, 2003, p.96).

O papel do professor de Educação Física acaba sendo mais desafiante do que os outros, porque a criança com TDAH tende a se isolar, e prefere atividades que não exijam interação. Isso acontece como consequência de seu comportamento impulsivo, que as vezes gera rejeição entre os colegas. Porém é preciso observar com atenção o comportamento da criança, para poder auxiliá-la.

Se a criança começa a evitar deliberadamente a interação com outras crianças, professores e família (...) não querendo participar de atividades em grupo, isolando-se ela pode estar apresentando um quadro de depressão ou de fobia social (MATTOS, 2003, p.103).

Também é nas aulas de Educação Física que os alunos se sentem mais a vontade para expressar seus sentimentos e vontades, uma vez que ali é permitido falar alto, gritar de acordo com as atividades. A criança com TDAH ou não costuma demonstrar preferência pelas aulas de Educação Física, uma vez que aprendeu, desde antes de falar, usar o corpo como expressão de suas vontades. Por isso, o relacionamento entre o aluno e o professor de Educação Física frequentemente é mais amistoso que com outros professores de sala de aula. Porém o professor precisa ficar mais atento aos objetivos de sua disciplina.

“A Educação Física é essencial para a construção do homem integral, pois sem ela o homem fica pela metade...” (SOLER, 2009, p.108)

“Entendo que seu maior objetivo deva ser o desenvolvimento de atitudes e conceitos como participações, cooperação, solidariedade, autonomia, criticidade, fraternidade, dentre outros.” (SOLER, 2009, p.126)

Ora, se o professor trabalha estes objetivos com todos os alunos, tanto mais deve trabalhar com os alunos com TDAH, pois estes tendem a ter maior dificuldade nestes quesitos. Muitas vezes torna-se difícil ao professor reconhecer a síndrome, confundida com mau comportamento “proposital”, ou mesmo contornar situações criadas entre os colegas. É quando se deve suspeitar de outros problemas associados. De acordo com Paulo Mattos (2003, p.105), pode estar ocorrendo o Transtorno desafiante de oposição quando:

“[...] a criança pode apresentar ataques de raiva, hostilidade verbal, desobediência as regras escolares, passa a não atender pedidos e a ter discussões frequentes (...) podem ter comportamentos vingativos.”

Se o aluno, eventualmente pega objetos que não lhe pertencem ,trata animais com crueldade, destrói deliberadamente a propriedade alheia, mente com frequência, demonstra interesse exagerado ou muito precoce com sexo, é provável que esteja apresentando sintomas do transtorno de conduta.

É nas aulas de Educação Física onde mais facilmente se observa os comportamentos de transtornos. O professor precisa estar atento e caso observe, procurar encaminhar o aluno para tratamento. O que, no entanto, nem sempre é fácil.

Além da ajuda de outros profissionais e da família o professor de Educação Física pode ser um grande aliado para a superação das dificuldades dos alunos com TDAH. Quando sua tendência for isolar-se, cabe ao professor encontrar meios de inseri-lo no grupo, promovendo atividades (previamente planejadas) que despertem seu interesse. Naturalmente para que isso ocorra, é necessário que o professor conheça o seu grupo de alunos (SOLER, 2009, p.127).

O professor deve buscar identificar quais as necessidades e capacidades de cada pessoa, e com isso procurar potencializar sua autonomia e independência (...) Elaborar projetos que contemplem todas as diferenças (SOLER, 2209, p.127)

O professor não deve desistir da criança com TDAH.

A criança com TDAH necessita de um nível um pouco mais alto de estimulação para funcionar melhor. Mas se o estímulo for exagerado, ela irá tornar-se superestimulada, o que é ruim (...) o professor deve tentar mudar o comportamento do aluno gradualmente (...) Quando o aluno tiver apresentado melhora nesses comportamentos, ele pode estabelecer novas metas (MATTOS, 2003, p.106).

Inúmeras vezes o professor se vê diante de uma situação em que não sabe como agir.

Isso provem da falta de estudo e conhecimento acerca de temas como TDAH e outros transtornos. Vemos-nos diante de situações em que o professor opta por simplesmente ignorar as atitudes omissas ou desafiadoras do aluno, e o deixa de lado. Isso dá menos incomodo, mas não resolve o problema.

Uma vez que as aulas de Educação Física envolvem jogos e brincadeiras que necessitam de uma série de regras e também de envolvimento e cooperação, além de exigir individualmente de cada um, o esforço no sentido de completar as tarefas, tais aulas, bem administradas, constituem-se para os alunos oportunidades preciosas de crescimento e superação.

Reconhecendo seus progressos (o que é fácil para o aluno comum pode ser difícil para um aluno com TDAH - como prestar atenção ou esperar sua vez na fila) – elogiando-o por merecimento, o professor aumenta sua auto-estima e o ajuda a se sentir menos diferente e mais feliz. Isso não significa que não pode chamar a atenção quanto aos erros cometidos.

“O TDAH por si só jamais deve ser usado como atenuante para uma infração grave ou repetida (...) quem tem TDAH pode necessitar, mais do que ninguém, aprender a obedecer regras.” (MATTOS, 2003, p.106)

3 PESQUISA DE CAMPO

Este trabalho teve como principal objetivo pesquisar o conhecimento de Educadores da Rede de Ensino estadual de São José do Cerrito sobre o TDAH. Método: Foi aplicado um questionário, cujas perguntas foram elaboradas considerando-se a importância desse conhecimento para atuação profissional dos educadores.

3.1 Análise dos dados

A tabela 1 apresenta o nível de formação dos professores entrevistados.

Tabela 1. Formação Profissional

	f	%
Magistério	0	0
Ensino Médio	0	0
Ensino Superior Completo – Educação Física	3	75
Ensino Superior Incompleto – Educação Física	1	25
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação aos dados obtidos, a maioria dos professores (n=3, 75,0%) possui Ensino Superior Completo, já (n=1, 25,0%) possui Ensino Superior Incompleto, estando apenas 1 (um) professor desenquadrado do que cita a Lei 9394/96 no seu Art. 62:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Ao que diz respeito a formação continuada, segue a tabela 2 com os resultados obtidos.

Tabela 2. Formação continuada.

	f	%
Pós-graduação	2	50
Mestrado	0	0
Doutorado	0	0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação à formação continuada, (n=3, 75,0%) a maioria dos professores entrevistados possui pós-graduação, e baseando-se na mesma Lei, no Art. 61:

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Nesse caso, como a maioria dos professores procurou continuar se atualizando, compreende-se que os mesmos desejam se aperfeiçoar para corresponder a educação social dos seus educandos.

Já na tabela 3, quanto ao tempo de atuação do professor de Educação Física, obteve os seguintes resultados.

Tabela 3. Tempo de atuação na área.

	f	%
Até 1 ano	0	0,0
De 1 a 5 anos	1	25
Acima de 5 anos	3	75
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Considerando os dados obtidos, (n=3, 75,0%) dos professores estão há mais de cinco anos atuando no magistério e apenas (n=1, 25%) dos professores esta começando agora a atuar, ainda em início da carreira.

A tabela 4 apresenta a quantidade de aulas que o professor ministra por semana.

Tabela 4. Quantidade de aulas de Educação Física por semana.

	f	%
1 dia	0	0,0
2 dias	0	0,0
3 dias	0	0,0
4 dias ou acima	4	100
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação a quantidade de aulas que os professores ministram durante a semana, (n=4, 100%) todos os professores possuem uma carga horária de 40h semanais.

Tabela 5. Você sabe o que significa a sigla TDAH?

	f	%
Sim.	3	75,0
Não	1	25,0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação ao saber o significado da síndrome de TDHA tabela 5, apenas (n=1, 25%) não sabia o que ela significa, quanto aos demais professores (n=3, 75%) conheciam o significado

A sigla TDHA é designada para designar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Com relação a dificuldade de aprendizagem visto na tabela 6, a maioria dos professores (n=4, 100%) acreditam que os alunos com TDAH tenham dificuldades de concentração e de atenção.

A mente de alguém que apresenta o TDAH produz um comportamento específico que pode ser o responsável tanto pelos sucessos quanto pelas dificuldades na vida desta pessoa. Costuma se manifestar e ser diagnosticado na infância- em grande parte na idade escolar- e pode permanecer até a idade adulta em cerca de 70% dos casos. É muito importante esclarecer que o TDAH não é uma doença e sua

presença, em hipótese alguma, deve ser encarada desta forma (CORREA, 2012).

Tabela 6. É possível ter TDAH sem apresentar dificuldades de aprendizagem?

	f	%
Sim.	0	0,0
Não	4	100,0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Neste caso, conforme a tabela 7, a maioria dos professores (n=4, 100%) tem certeza de que se não tratada a síndrome, ela pode sim, evoluir para uma síndrome mais grave.

Tabela 7. Quem tem TDAH apresenta maior chance de desenvolver outra deficiência.

	f	%
Sim	4	100
Não.	0	0,0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação a necessidade de medicação (tabela 8), a maioria dos professores (n=3, 75%) acham que todos os portadores da síndrome devem tomar medicação, enquanto (n=1, 25%) acha que não é necessário.

“Se o diagnóstico de TDAH estiver claro, ou seja, se existem desatenção, hiperatividade e impulsividade que causam problemas significativos a escola, no ambiente familiar, no trabalho e no convívio com as outras pessoas em geral, a resposta é sim.” (MATTOS, 2003. p, 146)

Tabela 8. Todas as crianças com TDAH necessitam usar medicação?

	f	%
Sim	3	75,0
Não	1	25,0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação a existência da TDAH ou falta de limites conforme tabela 9, os professores (n=4, 100%) acreditam que o problema realmente existe.

Tabela 9. Você acha que o TDAH realmente existe ou a hiperatividade da criança é consequência da falta de limites alteração mental?

	f	%
Realmente existe	4	100
Falta de limites	0	0,0
Total	4	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Sentir limites é para criança uma questão de segurança – uma necessidade básica. Não estabelecer limites é uma opção que um pai pode fazer. Mas é importante que, se o dizer, o faça sabendo que, ao contrário do que possa parecer, é também através

dos limites que a criança percebe que alguém se preocupa com ela e a protege. O limite faz com que ela perceba também que esse alguém é um alguém forte, que sabe e tem segurança do que faz.

Além disso, se nos mostramos inteiro, com direitos, também nos revelam aos nossos filhos como seres humanos, exatamente como lhes mostraram que eles são. Somente com direitos e deveres de ambas as partes é que se poderá construir uma relação equilibrada, saudável e democrática (ZAGURY, 1996, p.31).

Tabela 10. Em sua opinião, a criança com TDAH percebe que é diferente?

	f	%
Sim	4	100
Não	0	0,0
Total	4	100,0

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os professores da rede estadual de ensino, 2012.

Em relação ao fato da criança com TDAH perceber-se diferente de todos conforme tabela 10, todos os professores (n=4, 100%), concordam que os alunos com síndrome sentem-se diferentes dos demais colegas.

Em relação à resposta aberta sobre se o professor pode ajudar um aluno com TDAH, os professores dizem que devem se adaptar aos alunos e fazer atividades que despertem seu interesse para estimular a concentração e a participação nas aulas de educação física, e que não se devem planejar atividades muito extensas, pois uma criança com TDAH não fica concentrada mais do que 20 minutos durante uma aula.

Use jogos e desafios para motivá-las; valorize a rotina, pois ela deixa as crianças mais seguras, mas mantenha sempre elevado o nível de estímulo, através de novidades no material pedagógico; dê uma função oficial as crianças, como a de ajudante do professor, isso pode melhorar o relacionamento delas com os colegas e abrir espaço para que elas se movimentem mais; mostre os limites de forma segura e tranquila, sem entrar em atrito (CAMARGO, 2012).

4 CONCLUSÃO

Com base nos resultados da pesquisa de campo, concluímos que os professores de Educação Física da rede estadual de São José do Cerrito, em sua maioria, têm bom nível de escolaridade e informação.

Dos entrevistados, 75% demonstraram não apenas conhecer a sigla TDAH, mais também estar cientes das dificuldades que o Transtorno impõe às crianças em idade escolar.

Reconhecem a importância do diagnóstico e do tratamento psicológico associado aos medicamentos e revelam saber que o professor de Educação Física bem informado, atualizado e consciente, com planos de aula inclusivos e bem preparados pode fazer a diferença na vida de uma criança com TDAH.

REFERÊNCIAS

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua:** Perguntas e respostas sobre o TDAH em crianças, adolescente e adultos. 4 ed. Lemos Editorial, 2003.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na escola:** Em busca de uma escola plural. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

BRAGA, Ryon. **O comportamento hiperativo na infância.** Curitiba: Conscientia, 1998.

SCHAIN, Richard J. **Distúrbios de aprendizagem na criança.** São Paulo: Manole, 1978.

SILVA, A.B.B. **Mentes Inquietas.** 14.ed. São Paulo: Gente, 2003.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Record. 1996.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.**

CAMARGO, Regina C. **Alfabetizando 2008.** Disponível em:
<http://www.reginapironatto.blogspot.com.br>. Acessado em: 11/12/2012.

CORREA, Valéria A. **Psicologia Online 2009.** Disponível em:
<http://www.psicologavaleria.blogs.com.br>. Acessado em: 11/12/2012.